

# AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO EM MULHERES PARTICIPANTES DA III FEIRA DE SAÚDE DO CENTRO UNIVERSITÁRIO LUSÍADA REALIZADA EM OUTUBRO DE 2004 SOBRE O TRATAMENTO FISIOTERAPÊUTICO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA DE ESFORÇO

COSTA, J. V. O. <sup>(1)</sup>; ALONSO, K. A. <sup>(2)</sup>; SANTOS, M. B. dos <sup>(3)</sup>  
CUNHA, S. L. de F. <sup>(4)</sup>; DEL ROSSO, R. de C. B. M. <sup>(5)</sup>

Centro Universitário Lusíada (UNILUS)

Rua Armando Salles de Oliveira, 150 – 11050-071 – Santos – SP – Brasil

Fone (13) 3235-1311; Fax (13) 3221-4488

ritadelrosso@hotmail.com <sup>(5)</sup>

## Resumo

A Incontinência Urinária é um problema que afeta mulheres no mundo inteiro e representa grande desconforto psicossocial e higiênico, fazendo com que a mulher restrinja suas AVD's. Geralmente ocorre no climatério e menopausa; porém, pode ocorrer também em mulheres jovens. O nosso objetivo foi avaliar a porcentagem de mulheres com idade média de 55,30 anos que estiveram presentes à III Feira de Saúde do Centro Universitário Lusíada, verificando a ocorrência de incontinência urinária de esforço e também se elas tinham conhecimento do tratamento fisioterapêutico para Incontinência Urinária, e o desejo de submeter-se ou não ao referido tratamento. Para realização deste trabalho, foram entrevistadas 59 mulheres, onde se explorou a perda urinária aos esforços e o conhecimento terapêutico. As perguntas avaliaram a ocorrência de Incontinência Urinária de Esforço no público entrevistado e o conhecimento quanto ao tratamento conservador. Os resultados nos mostraram que do total de mulheres entrevistadas 66% apresentam Incontinência Urinária de Esforço e 34% não apresentam a Incontinência Urinária. Após realização da pesquisa complementar por telefone, das mulheres que apresentam Incontinência Urinária de Esforço 69% foram encontradas, dessas mulheres encontradas 100% não conhece o tratamento fisioterapêutico para Incontinência Urinária, e após explicarmos e questioná-las se realizariam o tratamento 85% afirma que faria e 15% não faria o tratamento. Já das mulheres que não apresentam Incontinência Urinária de Esforço, após realização da pesquisa complementar por telefone, 40% foram encontradas, dessas mulheres encontradas 83% não conhecem o tratamento fisioterapêutico e apenas 17% conhece o tratamento, e após explicarmos e questioná-las se realizariam o tratamento 100% das mulheres responderam positivamente. Concluímos que há a necessidade de mais informações, divulgações e conscientização quanto ao trabalho que pode ser realizado através da fisioterapia uroginecológica para o tratamento deste tipo de incontinência e os benefícios que ela pode trazer para melhorar a qualidade de vida das mulheres.

**Palavras-chave:** Incontinência Urinária de Esforço. Tratamento Fisioterapêutico.

## 1 INTRODUÇÃO

A Incontinência Urinária de Esforço (IUE) é um problema que afeta milhares de mulheres no mundo e representa grande desconforto psico-social e higiênico para as mulheres.

Há algum tempo, a Fisioterapia vem atuando no tratamento da IUE e é justamente em função do desenvolvimento da exigência social das mulheres que essas terapias vem se desenvolvendo em nosso país. A IUE não confere risco de morte à mulher, porém representa grande constrangimento social aos seus portadores.

Ainda há a idéia de que a IUE é inevitável e até certo ponto normal, de acordo com a idade da paciente, ou seja, ela crê que as perdas urinárias fazem parte do processo normal de envelhecimento.

Na mulher jovem o impacto é ainda maior, pois de certa forma restringe suas atividades de vida diária (AVD's) interferindo diretamente na qualidade de vida.

O tabu e o constrangimento ainda são comuns, raras são as mulheres que, espontaneamente falam

sobre o assunto com o seu médico. Em contrapartidas, muitas vezes o clínico ao qual se dirige desconhecem as possibilidades terapêuticas, inclusive o trabalho conservador através da fisioterapia.

A IUE ocorre entre 30 e 60% de todas as mulheres durante o período climatérico e na menopausa, tendo sua importância também pela sua alta incidência. No Brasil, existem dificuldades em encontrar informações estatísticas sobre mulheres com IUE e que procuram tratamento médico, o que torna escasso o estudo das estatísticas e a divulgação sobre o tratamento necessário.

## 2 MÉTODOS

Foram entrevistadas aleatoriamente 59 mulheres com média de idade de 55,30 anos.

Primeiramente, explorou-se em questionário a ocorrência ou não de perdas urinárias, conforme descrito na figura 1, ao passo que na ficha de avaliação eram anotados nome, idade e número do telefone.

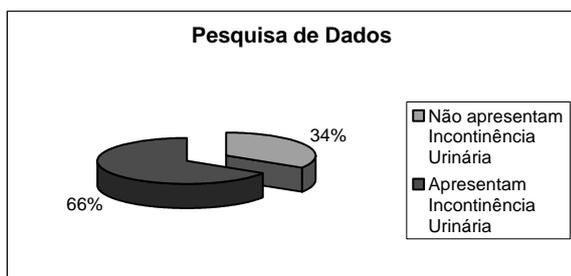
<b>Centro Universitário Lusíada III Feira de Saúde / 2004</b>	
<b>Faculdade de Fisioterapia Disciplina de Uroginecologia e Obstetrícia</b>	
<b>Questionário de Avaliação de Incontinência Urinária (Perdas Urinárias)</b>	
Freqüentemente tem desejo súbito e urgente de urinar? Sim ( ) Não ( )	
Em algumas ocasiões perde urina antes de chegar ao banheiro? Sim ( ) Não ( )	
Freqüentemente urina mais de 08 vezes ao dia? Sim ( ) Não ( )	
Acorda mais de duas vezes à noite para urinar? Sim ( ) Não ( )	
Perde urina quando tosse, ri, carrega peso, ou faz esforços? Sim ( ) Não ( )	

**Figura 1 - Questionário de Avaliação de Incontinência Urinária (Perdas Urinárias).**

Após a avaliação realizada pelo questionário, posteriormente quatro fisioterapeutas entraram em contato telefônico com todas as mulheres anteriormente entrevistadas. Este contato teve por finalidade apresentar e explicar o tratamento fisioterapêutico para a IUE esclarecendo que o mesmo poderia ser realizado através da cinesioterapia, biofeedback ou eletro-estimulação. Após apresentar o tratamento, a fisioterapeuta questionava a entrevistada sobre já ter tido conhecimento ou não dos recursos fisioterapêuticos e se gostaria de se submeter à terapia caso tivesse oportunidade.

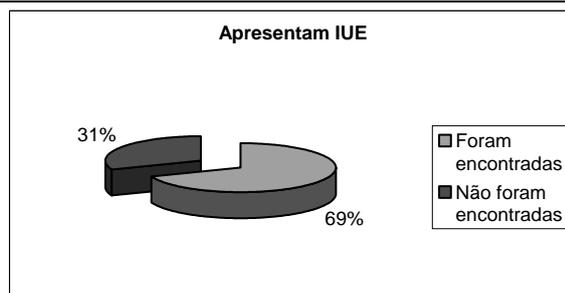
### 3 RESULTADOS

No gráfico 1, foi realizado uma pesquisa de dados na qual pudemos constatar que 66% apresentam IUE e 34% não apresentam.

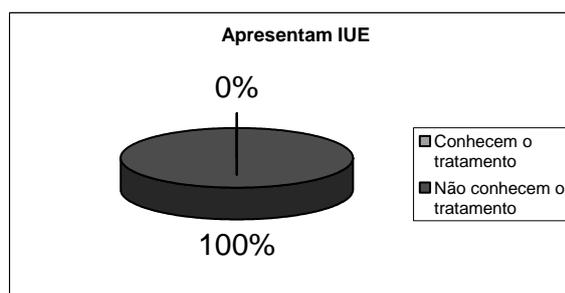


**Gráfico 1 – Pesquisa de dados das mulheres que apresentam e das que não apresentam IUE.**

Posteriormente fizemos uma pesquisa via telefone na qual encontramos os seguintes valores: das mulheres que apresentam IUE 31% não foram encontradas e 69% foram encontradas, como pode ser observado no gráfico 2, das mulheres encontradas 100% não conheciam o tratamento fisioterapêutico, como demonstrado no gráfico 3.

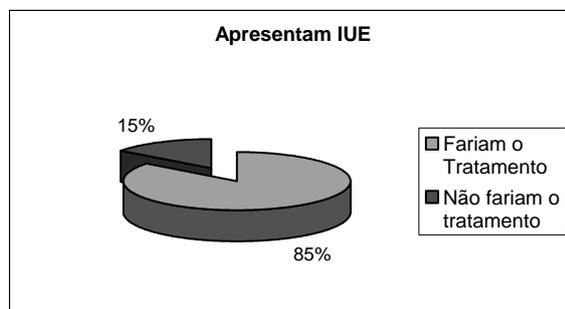


**Gráfico 2 – Das mulheres que apresentam IUE, quantas foram encontradas e quantas não foram.**



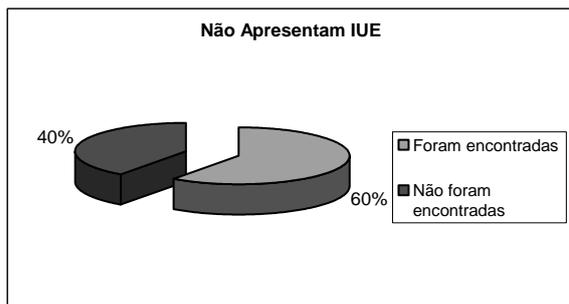
**Gráfico 3 – Das mulheres encontradas, nenhuma conhecia o tratamento fisioterapêutico.**

Quando questionadas em relação a se submeter ao tratamento caso surgisse oportunidade, 15% revela que não fariam o tratamento, já 85% fariam o tratamento, estes valores podem ser melhor observado no gráfico 4.

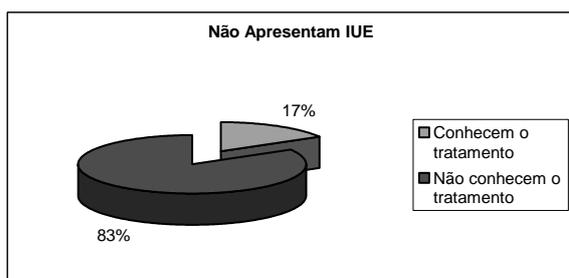


**Gráfico 4 – Representa a quantidade de mulheres que fariam e das que não fariam o tratamento.**

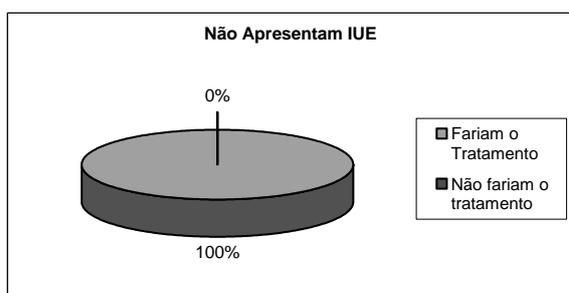
Das Mulheres que não apresentam IUE, 60% foram encontradas através do contato via telefônico e 40% não foram encontradas, como observamos no gráfico 5, das mulheres encontradas 17% conhece o tratamento fisioterapêutico e 83% não conhecem, como mostra o gráfico 6 e quando questionadas se fariam o tratamento tivemos um resultado de 100% das mulheres realizando o mesmo, sendo observado este valor no gráfico 7.



**Gráfico 5 – Este gráfico mostra as mulheres que foram e as que não foram encontradas e que não possuem sintomas de IUE.**



**Gráfico 6 – Porcentagem das mulheres que conhecem e as que não conhecem o tratamento de IUE.**



**Gráfico 7 – Este gráfico nos mostra que todas as mulheres realizariam o tratamento.**

#### 4 DISCUSSÃO

O questionário teve como objetivo avaliar a prevalência da IUE nas mulheres entrevistadas e o conhecimento do tratamento fisioterapêutico.

Vários trabalhos apontam a terapia conservadora como mais segura, menos invasiva e menos custosa. Técnicas como eletro-estimulação e cinesioterapia tem como objetivos a melhora da percepção ao assoalho pélvico, fortalecer o períneo recrutando fibras musculares, dar estímulos a bons hábitos de vida e a prática regular de atividade física.

Alguns autores concordam que a IUE tem afetado a qualidade de vida de seus possuidores acarretando conseqüências indesejáveis nos campos psicológicos, físicos e sociais. A ocorrência de IUE é de 2 mulheres para cada homem. Nos Estados Unidos, afeta cerca de 25 milhões de americanas. No Brasil, não há dados específicos, porém acredita-se que de 11% a 23% da população feminina apresenta o problema.

Protocolos clínicos para atendimento de paciente, publicados pela Agency for Healthy Care Policy and Research (AHCPR), recomendam inicialmente o tratamento conservador como opção, dando preferência a fisioterapia.

Além do uso de exercícios específicos, a fisioterapia inclui orientações educacionais a respeito de hábitos comportamentais podendo ou não utilizar outras técnicas como a eletroterapia.

Em um estudo feito em 2002, Faundes et al. [1], pesquisaram a procura do serviço médico por mulheres com IUE e verificaram que apenas 21,3% das mulheres se enquadraram nesta linha de comportamentos. O mesmo aconteceu com a experiência de Sanchez Gonzalez et al. [2] independentemente do nível de instrução, condição sócio-econômica, idade e estado menopausal.

Faundes ressalta que a maioria das mulheres com IUE não têm ciência de que seus sintomas podem ser melhorados com tratamento adequado e que as mesmas não valorizam tais sintomas. Fica atestado que essas pacientes possuem baixos índices de qualidade de vida. Em seu trabalho, Faundes mostra que das 160 mulheres com queixa, apenas 58,8% consultou médico por esse motivo.

Pelos resultados, verifica-se a necessidade de conscientização das mulheres e dos profissionais da saúde quanto aos benefícios do tratamento em todos os grupos sócio-econômicos e em todas as idades a partir dos 45 anos pelo menos.

Faz-se necessário, também, ressaltar a importância da fisioterapia na qualidade de vida da mulher climatérica e menopausada. Conforme Cerqueira e Rezende [3], existem diversas opções de tratamento clínico. O tratamento fisioterapêutico tem como objetivo a melhora da qualidade de vida da mulher no climatério e menopausa, uma vez que atua na prevenção da osteoporose e das doenças cardiovasculares, na atenuação dos sintomas vasomotores e na reabilitação da incontinência urinária de esforço.

#### 5 CONCLUSÃO

Ao final desta pesquisa observamos que a incidência de IUE no grupo pesquisado é alta, cerca de 66%. Deste total nenhuma das mulheres que apresentavam os sintomas da incontinência tinha conhecimento a respeito do tratamento fisioterapêutico. É curioso observar que apesar do desconhecimento, grande parcela gostaria de submeter-se ao tratamento. Esses resultados apontam para a necessidade de divulgação mais intensa do trabalho realizado pela fisioterapia, tanto junto à população geral, quanto junto aos profissionais de saúde.

A finalidade é oferecer mais uma opção terapêutica para pacientes uroginecológicas que pode incorporar novos e saudáveis hábitos, através de Reeducação Comportamental e minimizar o desconforto social e higiênico que a IU traz. Técnicas modernas de eletroterapia, biofeedback e cinesioterapia do assoalho pélvico compõem os recursos disponíveis para o fisioterapeuta aplicar.

Os meios e as estratégias de divulgação da fisioterapia uroginecológica precisam ser melhores discutidos pelos profissionais que atuam na área, para

possibilitar acesso às pacientes que gostariam de contar com mais esta oportunidade, conforme constatamos no decorrer deste trabalho.

Concluimos então que divulgação, e facilidade de acesso ao tratamento se fazem fundamentais para o crescimento da fisioterapia uroginecológica e para melhoria da qualidade de vida de mulheres portadoras de IUE.

**Keywords:** Stress Urinary Incontinence. physiotherapeutics treatment.

## 6 REFERÊNCIAS

- [1]. FAUNDES, A. et al. Procura do serviço médico por mulheres com incontinência urinária. Ver. Brás. Ginecol. Obstet. v. 23, n. 7, Agosto 2001.
- [2]. SÁNCHEZ, G. R. et al. Prevalencia de incontinencia urinaria en la población mayor de 60 años atendida en atención primaria. At Prim 1999, v. 24, n. 7, p. 421-424.
- [3]. CERQUEIRA, F. S.; REZENDE, F. L. Atuação da Fisioterapia na melhora da qualidade de vida da mulher no climatério e menopausa. Femina. v. 30, n. 7, Agosto 2002.

---

### EVALUATION OF THE KNOWLEDGE IN WOMEN WHO TOOK PART IN THE III HEALTH FAIR OF LUSÍADA UNIVERSITY CENTER, OCCURRED IN OCTOBER 2004, ABOUT PHYSIOTHERAPEUTICS TREATMENT OF STRESS URINARY INCONTINENCE

#### Abstract

The Stress Urinary Incontinence is a problem that affects women all over the world and represents great psycho-social and hygienical discomfort, making that woman restricts its AVD's. Generally it occurs in the climacteric and menopause; however, can also occur in young women. Our objective was to evaluate the percentage of women with an average age of 55,30 that had been gone to the III Health Fair of Lusíada University Center and to verify the occurrence of Stress Urinary Incontinence, and also verify hers knowledge about the physiotherapeutic treatment for Urinary Incontinence and the desire to be submitted or not to the related treatment. To accomplish this research, 59 women had been interviewed, where if she explored the urinary loss to the efforts and the therapeutical knowledge. The questions had evaluated the occurrence of Stress Urinary Incontinence, in the interviewed public, and the knowledge how much to the treatment conservative. The results had shown that of the total of interviewed women 66% they presented Stress Urinary Incontinence and 34% did not. After the accomplishment of the complementary research for telephone, of the women who presented Stress Urinary Incontinence 69% had been found, of these 100% did not know about the physiotherapeutic treatment for Urinary Incontinence, and after an explanation and question them if they would carry through treatment 85% affirms that would make and 15% would not make the treatment. Although the women who did not present stress urinary Incontinence, after accomplishment of the complementary research for telephone, 40% had been found, of these ones 83% did not know the physiotherapeutic treatment and only 17% knows the treatment, and after an explanation and question them if they would carry through the treatment 100% of these had answered positively. We conclude that it is necessary more information, spreading and awareness of the Stress Urinary Incontinence, its treatment and the benefits that this can bring to the life of the women that suffers of this problem.